

**COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E
NARRATIVA NUMA SOCIEDADE
CONECTADA POR REDES**

MERI NADIA MARQUES GERLIN
(Organizadora)

**COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E
NARRATIVA NUMA SOCIEDADE
CONECTADA POR REDES**

Editora
FCI/UnB 2018



Universidade de Brasília

Reitora

Márcia Abrahão Moura

Vice-reitor

Enrique Huelva Unternbäumen

Decanato de Administração (DAF)

Decana: Maria Lucilia dos Santos

Decanato de Assuntos Comunitários (DAC)

Decano: André Luiz Teixeira Reis

Decanato de Ensino de Graduação (DEG)

Decano: Sérgio Antônio Andrade de Freitas

Decanato de Extensão (DEX)

Decano: Olgamir Amancia Ferreira

Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação (DPG)

Decana: Helena Eri Shimizu

Decanato de Pesquisa e Inovações (DPI)

Decana: Maria Emília Machado Telles Walter

Decanato de Gestão de Pessoas (DGP)

Decano: Carlos Vieira Mota

Decanato de Planejamento, Orçamento e Avaliação Institucional (DPO)

Decana: Denise Imbroisi

Faculdade de Ciência da Informação (FCI)

Diretora:

Elmira Luzia Melo Soares Simeão

Vice-diretora:

Fernanda de Souza Monteiro



Universidade Federal
do Espírito Santo

Reitor

Reinaldo Centoducatte

Vice-reitora

Ethel Leonor Noia Maciel

Pró-Reitoria de Administração (Proad)

Pró-Reitora: Teresa Cristina Janes Carneiro

Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Cidadania (Proaeci)

Pró-Reitor: Gelson Silva Junquilha

Pró-Reitoria de Extensão (Proex)

Pró-Reitora: Angélica Espinosa Barbosa Miranda

Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (Progep)

Pró-Reitor: Cleison Faé

Pró-Reitoria de Graduação (Prograd)

Pró-Reitora: Zenólia Christina Campos Figueiredo

Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG)

Pró-Reitor: Neyval Costa Reis Junior

**Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional
(Proplan)**

Pró-Reitor: Anilton Salles Garcia

Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE)

Diretor: Rogério Naques Faleiros

Departamento de Biblioteconomia (DBIB)

Chefia: Jose Alimatéia de Aquino Ramos

Vice-chefia: Gleice Pereira

© **Meri Nadia Marques Gerlin (2018)**

Todos os direitos em língua portuguesa, no Brasil, reservados de acordo com a lei. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou informação computadorizada, sem permissão por escrito da autora. Esta é uma publicação da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília e do Departamento de Biblioteconomia da UFES, Brasil.

Revisão

Laboratório de Editoração e Normalização (UFES)

Normalização e projeto Gráfico

Denise Bacellar Nunes (UnB)

Capa

Meri Nadia Marques Gerlin (UFES)

Diagramação

Meri Nadia Marques Gerlin (UFES)

Conselho Editorial

Denise Bacellar Nunes (UnB)

Elmira Simeão (UnB)

Marta Leandro da Mata (UFES)

Comitê Científico

Adriana Alcará (UEL)

Eduardo Valadares da Silva (UFMG)

Elmira Simeão (UnB)

Iguatemi Santos Rangel (UFES)

Márcia Marques (UnB)

Marta Leandro da Mata (UFES)

Meri Nadia Marques Gerlin (UFES)

Taiguara Villela Villela (UFES)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G371c Gerlin, Meri Nadia Marques (Org.).

Competência em informação e narrativa numa sociedade conectada por redes / Meri Nadia Marques Gerlin (Org.). – Brasília: Faculdade de Ciência da Informação / Universidade de Brasília, 2018.

364 p.; Color. Coleção No balanço das redes: tradição e tecnologia (Vol. 2)

ISBN: 978-85-88130-49-4

1. Memória social. 2. Narrativa oral. 3. Competência narrativa. 4. Competência em informação. 5. Contador de histórias. 6. Rede Colaborativa. I. Título.

CDU 02:37

DEDICATÓRIA

Esta obra compõe a coleção “No balanço das redes: tradição e tecnologia” sucedendo a publicação denominada “Tecendo redes e contando histórias: competências em informação e narrativa na contemporaneidade”. Tendo em vista que o primeiro volume é uma adaptação do contexto teórico de uma tese de doutorado defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília (UnB), acrescenta-se que esta coletânea é resultado de um processo de investigação que se desdobrou em uma diversidade de outras pesquisas e, por conseguinte, que estabeleceu parcerias que levaram à constituição deste exemplar: “Competência em informação e narrativa numa sociedade conectada por redes”.

Em razão do exposto, torna-se importante dedicá-la aos atores sociais que de alguma forma contribuíram com a sua composição e aos colaboradores que organizaram artigos alimentados pelos temas de interesse da rede de colaboração do projeto “No balanço das redes dos contadores de histórias”; registrado como extensão universitária na UnB e projeto de pesquisa na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Por terem aceitado ao desafio de escrever sobre temas relacionados com os seus contextos de investigações teóricas e práticas cotidianas, organizando, com isso, um conjunto de diálogos enredados e tecidos com os fios das mais valiosas experiências. Ao que tudo indica, as suas pesquisas e os seus relatos foram tingidos com os tons de uma atuação que dia após dia fora constituída nos territórios da biblioteca, da universidade, do museu, da escola, do centro de educação infantil, do arquivo público e do ciberespaço.

Dedica-se ao mesmo tempo em que se demonstra uma especial gratidão ao “profissional, pesquisador e leitor” disposto a conhecer esta obra coletiva, esperando que gostem de ler aos artigos tanto quanto os seus autores sentiram prazer em escrevê-los. Organizá-los neste espaço de divulgação tornou-se uma consequência, perante ao desejo de uma boa leitura e um bom aproveitamento dos textos e contextos que lhes são apresentados no campo da competência em informação e da narrativa oral.

A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver (BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 204).

SUMÁRIO

PREFÁCIO	10
APRESENTAÇÃO	18

PARTE I – COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: PROCESSOS INTER-RELACIONADOS COM A MEMÓRIA, ORALIDADE E CONEXÃO EM REDES	24
--	----

LEITURA, NARRATIVA E MEDIAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE MEMÓRIA, INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO	25
--	----

Maira Cristina Grigoletto

COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: QUESTÕES TERMINOLÓGICAS E CONCEITUAIS	48
---	----

Marta Leandro da Mata

A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO EM AMBIENTES DE INFORMAÇÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA	79
---	----

Marta Leandro da Mata e Adriana Alcará

NO BALANÇO DAS REDES DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS: A IDENTIFICAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS DOS NARRADORES CONTEMPORÂNEOS	106
---	-----

Meri Nadia Marques Gerlin e Elmira Luzia Melo Soares Simeão

TROCAS DE EXPERIÊNCIAS NO CAMPO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: COLABORAÇÃO E ORALIDADE NO AMBIENTE DIGITAL DO YOUTUBE	133
---	-----

Elijance Marques dos Santos e Meri Nadia Marques Gerlin

ORGANIZAÇÃO DE DOCUMENTOS MULTIMÍDIA: PROPOSIÇÕES PARA RECUPERAÇÃO SEMÂNTICA DA INFORMAÇÃO EM AMBIENTES DIGITAIS	159
---	-----

Daniela Lucas da Silva Lemos e Renato Rocha Souza

TRANSDISCIPLINARIDADE PARA AS REDES: FORMAÇÃO DE COMPETÊNCIA EM COMUNICAÇÃO, INFORMAÇÃO E COMPUTAÇÃO PARA A GESTÃO DA MEMÓRIA	177
--	-----

Márcia Marques, Alzimar Ramalho, Benedito Medeiros Neto, David Renault da Silva, Joyce Del Frari Coutinho, Mônica Regina Peres, Marcelo Souza de Jesus e Tatyane Mendes Ferreira

PARTE II – COMPETÊNCIA NARRATIVA: PROCESSOS INTER-RELACIONADOS EM ESPAÇOS TEMPOS DE INFORMAÇÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA	204
---	-----

NO BALANÇO DE QUEM SEMPRE OUVIU E CONTOU HISTÓRIAS.	205
--	-----

Silvana Soares Sampaio

NARRATIVAS E CONTOS AFRICANOS: O RESGATE DA TRADIÇÃO ORAL A PARTIR DAS NARRATIVAS DOS GRIOTS 222

Ana Claudia Borges Campos, Meri Nadia Marques Gerlin, Cláudia Maria de Oliveira e Fábio Vieira Pereira

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: UM DESAFIO PARA OS BIBLIOTECÁRIOS 238

Elane Couto Uliana

TRADIÇÃO ORAL NA BIBLIOTECA ESCOLAR POR MEIO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA 263

Ingrid Simões Pereira, Márcia Helena da Silva Marques e Maria Giovana Soares

SILÊNCIO! VOCÊ ESTÁ NA BIBLIOTECA: LER, CANTAR E CONTAR HISTÓRIAS NA BIBLIOTECA ESCOLAR 290

Eduardo Valadares da Silva, Fabiano de Oliveira Moraes e Marcela Lopes Mendonça Coelho Amorim

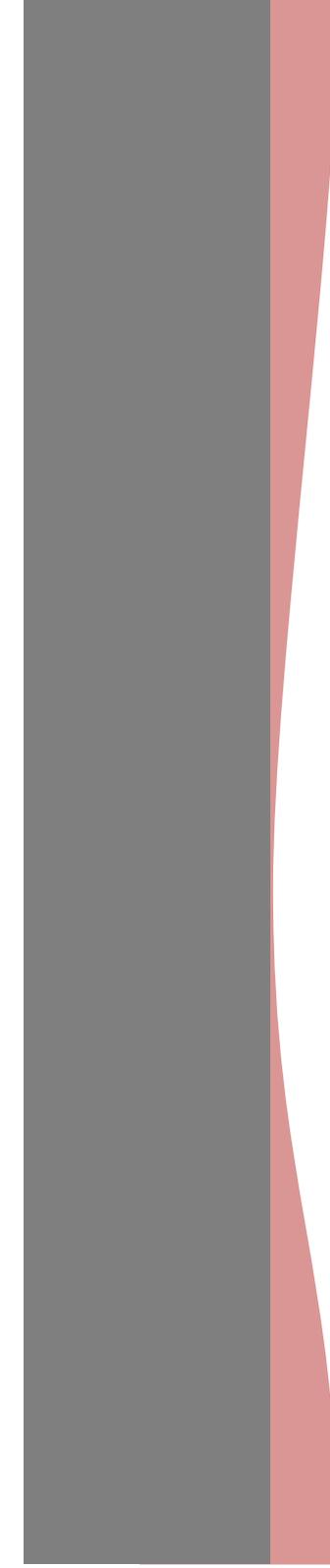
PROJETO CONTOS QUE ENCANTAM: UMA PRÁTICA DE INCENTIVO À LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS 311

Iguatemi Santos Rangel e Amanda Xavier

A PRESENÇA DE NARRATIVAS ORAIS NO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO 331

Taiguara Villela Aldabalde e Philippe Peterle Modolo

SOBRE OS AUTORES 352



PARTE II

**COMPETÊNCIA NARRATIVA:
PROCESSOS INTER-RELACIONADOS
EM ESPAÇOS TEMPOS DE
INFORMAÇÃO, EDUCAÇÃO E
CULTURA**

A PRESENÇA DE NARRATIVAS ORAIS NO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Taiguara Villela Aldabalde⁶³

Philippe Peterle Modolo⁶⁴

RESUMO

Dado que as narrativas inscritas nos documentos de arquivo dependem dos sujeitos para dar sentido àquilo que está fixado, e que os participantes de práticas com narrativas orais podem contribuir com significados a documentação estanque por seu caráter complementar. Consideramos relevante dar continuidade, como desdobramento duma pesquisa de doutorado em Ciência da Informação, ao mapeamento das práticas de mediação cultural no Arquivo Público do Estado do Espírito Santo com enfoque particular para a identificação de quais dentre tais práticas são aquelas que registram a presença de narrativas orais. Também objetivou-se entender como se deram essas práticas numa perspectiva diacrônica e avaliar como o referido Arquivo poderia ampliar suas atividades neste sentido. Constatamos que foi possível identificar a ocorrência de narrativas orais não fictícias, em especial trataram-se de rodas de conversa entre o período de 2012 e 2016 incluindo os seguintes e diversos públicos e culturas: a população afrodescendente, a cultura quilombola, os ciganos, a cultura romani, o público infantil, a cultura escolar e o público de idosos. Uma vez que uma parte significativa dos participantes eram iletrados, isto é, não liam e nem escreviam, a oralidade foi a principal linguagem adotada como via de democratização dos arquivos. Esta democratização atingiu sua culminância com a reunião das narrativas dos ciganos em torno de uma memória oral comum que viabilizou a união do povo Calon em torno na criação de uma identidade para a primeira associação cigana do estado do Espírito Santo.

Palavras chave: Narrativa oral. Memória oral. Arquivo público.

⁶³ Doutor em Ciência da Informação. Departamento de Arquivologia da UFES. Vitória, ES, Brasil. e-mail: taiguara@usp.br

⁶⁴ Especialista em Psicopedagogia Institucional e Gestão Escolar. Vitória, ES, Brasil. e-mail: philippemodolo13@gmail.com

INTRODUÇÃO

Os arquivos estão associados com a linguagem, a interpretação, o conhecimento e a significação. Assim, reconhecemos a possibilidade dos arquivos estarem abertos para diversas perspectivas, pois podem indicar coisas diferentes para pessoas distintas em tempos singulares. Como espaços da produção cultural os arquivos são como arenas de agenciamento das questões cruciais que conduzem a vida civil e lugares onde a cultura funciona intermediando poder, ideia e memória (LUBAR, 1999).

Uma das formas de mediar estas coisas é a prática de atividades culturais, dentre as quais ressaltamos a narrativa oral, não ficcional ou real. Entendemos a narrativa oral a partir da herança dos povos e em particular como parte das tradições associadas com a oralidade que se inscrevem no âmbito do patrimônio cultural imaterial. Por isso, as narrativas orais devem ser mapeadas, registradas, sistematizadas, preservadas a fim que sejam transmitidas de geração em geração nos contextos das suas respectivas comunidades. Em um sentido mais amplo, as narrativas orais não deixam de ser narrativas que surgem com determinadas formas e significados. Jacques Aumont (1995) concebe a narrativa como produto de uma lógica pertinente ao que denomina “diegese”. Para o autor a narrativa é maior do que uma história, porque inclui ações contextualizadas numa dada ambiência emotiva donde as próprias narrativas emergem. A diegese pode ser entendida nos seguintes termos:

A diegese é, portanto, em primeiro lugar, a história compreendida como pseudomundo, como universo fictício, cujos elementos se combinam para formar uma globalidade. A partir de então, é preciso compreendê-la como o significado último da narrativa: é a ficção no momento em que não apenas ela se concretiza, mas também se torna uma. Sua acepção é, portanto, mais

ampla do que a de história, que ela acaba englobando: é também tudo o que a história evoca ou provoca para o espectador. Por isso, é possível falar de universo diegético, que compreende tanto a série de ações, seu suposto contexto, quanto o ambiente de sentimentos e motivações nos quais elas surgem (AUMONT, 1995, p.114).

Esses conceitos são relevantes porque o Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES) é uma instituição de custódia que adotou práticas com a presença das narrativas orais. Isso ocorreu principalmente pelo meio de rodas de conversa onde participantes das comunidades envolvidas puderam construir as suas próprias narrativas sobre a identidade coletiva, o espaço público e sobre as questões trazidas à tona durante as práticas de mediação cultural.

Foi possível identificar algumas atividades como referenciais para a mediação cultural com enfoque na oralidade a partir do que foi realizado e desenvolvido pelas gestões do APEES. Mas em que consistiriam tais práticas? Ora, as práticas de mediação cultural podem ser definidas como ações institucionalizadas tendo em vista o sentido de promover a aproximação entre uma dada cultura, inclusive a cultura arquivística ou a cultura oral, e os públicos. Neste caso, este tipo de prática ocorre a partir de uma estratégia dialógica que permita a interação entre ambos.

Os arquivos públicos como o APEES são espaços adequados para este tipo de atividade, pois as narrativas consignadas no documento dependem dos sujeitos para dar sentido àquilo que está fixado. Assim os participantes de práticas de mediação cultural podem contribuir com significados aos documentos estanques. Essa potência de participação manifesta-se pelo caráter complementar a visão técnica, que por sua vez pode vir a ser reducionista ante a pluralidade dos arquivos.

Considerando que não há nenhum levantamento seletivo da presença das narrativas orais nas práticas de mediação cultural do

APEES, buscamos a partir de uma perspectiva diacrônica identificar quais são estas práticas e como se desenvolveram no âmbito de uma instituição arquivística pública estadual.

DESENVOLVIMENTO

CONTEXTUALIZAÇÃO

O arquivo público do poder executivo do estado do Espírito Santo originou-se, em termos jurídico-administrativos, na Época do Império, no contexto da criação dos arquivos provinciais com ligação à secretaria do presidente. Durante o período imperial pertinente a criação destes arquivos provinciais, que compreendeu de 1835 até 1889, a repartição foi destituída de qualquer política com autonomia e pode ser confundida em termos de atribuições com a própria Secretaria de Governo. Isto porque a ambos os órgãos eram delegadas as funções de organizar, controlar, expedir, armazenar e conservar documentos, sendo esta última, função exclusiva do Arquivo⁶⁵.

Na Primeira República (1889-1930), muitas estruturas do império se mantiveram tendo o seu nome alterado. O Arquivo se manteve como um território conservador em relação aos interesses elitistas, de modo que apenas aqueles que tinham patentes ou cargos oficiais tinham acesso. A própria guarda de documentos era derivada de um interesse governamental para que servisse como depósito dos documentos estatais. Esta característica se manteve até o final do Regime Militar (1964-1985).

Com a Redemocratização, a Constituição de 1988 vem ressignificar a administração pública e seus órgãos. De 1988 até 1998 consolidava-se uma década do regimento jurídico do Brasil como uma democracia oficial e uma república federativa. Neste intervalo de tempo,

⁶⁵ Pesquisa documental com base nas referências inscritas na última seção deste capítulo, nos dados de Aldabalde (2015) e em clippings de atividades do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo.

em 1995, o gestor Agostino Lazzaro foi nomeado pelo então governador Vitor Buaz (1995-1998). No que se refere à experiência do autor com a oralidade, salientamos que o gestor é o autor principal da obra “Lembranças Camponesas: *a tradição oral* dos descendentes de italianos em Venda Nova do Imigrante” (LAZZARO; COUTINHO; FRANCISCHETTO, 1992) publicada pela fundação da Universidade Federal do Espírito Santo. O livro foi resultado de um levantamento das narrativas dos descendentes de italianos pertencentes à primeira e segunda geração nascidas no Brasil. As narrativas tratavam desta memória transmitidas pelos pais e avós italianos dos narradores e isso inclui: as lembranças da vida da Itália, a travessia do Atlântico, os primeiros tempos no Espírito Santo. O livro é fundamentado na tradução oral herdada pelos descendentes mais próximos dos imigrantes até o Estado Novo (1937-1945) quando ocorreu uma repressão contra aqueles que falavam línguas estrangeiras.

Na década de 1990 sob a Gestão Lazzaro (1995-2015), o APEES se modernizou adquirindo máquinas de reprodução por papel fotográfico e equipamentos de informática. Essa informatização também impactou seus produtos, pois o Banco Etnográfico seria informatizado, tornando-se então o Banco de Dados Etnográficos. A partir daí, o APEES reorganiza seu funcionamento, de modo a atender a nova concepção dos serviços públicos, no sentido de democratizar o acesso aos cidadãos. Em 1998 este banco de dados foi inaugurado e resultou da catalogação dos grupos imigrantes, considerando a sua diversidade.

Apesar do que pontua Lubar (1999) sobre que o arquivo tem sido o mais desprezado de todos os objetos etnográficos, no caso do APEES percebemos um modelo de valorização do documento do ponto de vista da etnografia. A respeito disso, o próprio APEES protagonizou ações de produção de documentação (principalmente fotografias) quando mapeou a diversidade étnica presente em terras capixabas como: pomeranos, negros, italianos, austríacos, alemães, índios e outros grupos étnicos, constituindo um rico acervo que mais tarde seria doado

a um dito “Museu da Etnia”. Este ficaria na nova sede do arquivo quando houvesse a mudança já planejada desde então, uma vez que a antiga sede, não dispunha de espaço suficiente.

Neste sentido, esta iniciativa do APEES nos remete aos esforços para a salvaguarda do patrimônio cultural por meio dos inventários realizados por pesquisadores, agências governamentais ou associações locais. Um exemplo disso é o processo contínuo de inventariação que ocorre na Universidade Laval, no Canadá, de modo que as fichas de transcrição e descrição dos *arquivos orais*, fotográficos, fonográficos e audiovisuais são realocadas para os Arquivos de Folclore e Etnologia que ficam disponíveis na *rede* internacional de computadores (ROBERGE, 2008). Isso nos remete também, em alguma medida, a proposta de Meri Nadia Gerlin (2015) diz respeito ao planejamento de um modelo colaborativo na *web* cujo epicentro seria a prática dos narradores do Estado do Espírito Santo. Deste modo um dos produtos possíveis decorrentes de trabalhos com narrativas orais nos arquivos seria uma página na Internet que servisse como território de transferência da cultura oral para cultura digital. Essa ideia pode ser corroborada por Umberto Eco (2002), que indica que a tradição oral também pode influenciar os objetos materializados no veículo papel ou mesmo em produtos das tecnologias da informação e comunicação (TICs).

A partir da inauguração da nova sede em 2005 o APEES instauram novos espaços para práticas culturais: um ambiente permanente para exposições, um auditório e mantém diversas outras modalidades de interação com os públicos. A partir da nova sede um criterioso retrato do entorno do Arquivo foi mapeado pela Gestão Lazzaro (1995-2015) que buscou inserir os membros da Comunidade da Fonte Grande tanto em termos de manter o Arquivo como instituição de portas abertas quanto de disponibilizar os fundos. Em vista disso o arquivo não cumpre somente a função de custódia dos bens culturais, imateriais e materiais, mas também deve ser responsável pela promoção do patrimônio, utilizando-se de recursos como a sensibilização do

público (ROBERGE, 2008).

Um dos desafios do APEES em relação à mediação cultural pelo eixo da democratização, e da democracia cultural, é o respeito à diversidade. As tradições orais capixabas estão para além do português e ao menos dez idiomas ainda são falados no Espírito Santo, além do português: o renano, o pomerano, o zelandês, o talian, o tirolês, o alemão, o polonês, o romani, o tupi e o guarani (ALDABALDE, 2015). Assim, o APEES deve, considerando o parâmetro democrático de que o Arquivo é para todos, ser inserido num espaço cultural multilinguístico o que significa também reconhecer um ambiente de alta riqueza no patrimônio oral do Estado do Espírito Santo.

Cabe enfatizar que o patrimônio oral não é apenas formado pela narrativa, compreende as manifestações do folclore, a contação de histórias/*storytelling*, as canções populares, os contos, as lendas e a literatura oral como expressão do patrimônio cultural coletivo que, portanto, não deveriam ser excluídos dos arquivos (ROBERGE, 2008). O Centro Regional de Animação do Patrimônio Oral em Quebec no Canadá é um exemplo de instituição que enquadra o arquivo como um objeto etnográfico e uma das instituições culturais relevantes no que se refere à defesa de bens intangíveis (ROBERGE, 2008). As questões relacionadas com o desenvolvimento deste patrimônio nos arquivos de tradição/*folk* são múltiplas, pois além de dar sentido ao patrimônio material, ajuda a criatividade humana fortalecendo o sentido de identidade regional e suas especificidades, sua economia, sua diversidade cultural e seu desenvolvimento sustentável do ponto vista humanístico (ROBERGE, 2008).

É justo neste contexto de riqueza e pluralidade, que as narrativas orais identificadas deram-se nas práticas de mediação cultural e foram decisivas na expressão e na sensibilização das comunidades. Isso nos leva a constatar que as ações do APEES estão em harmonia com a complexidade sociocultural e que o trabalho com as narrativas orais no Arquivo mostra-se presente em algumas práticas elencadas a seguir sob

uma perspectiva diacrônica.

A PRESENÇA DAS NARRATIVAS ORAIS NAS PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO CULTURAL NO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

No ano de 2012, valendo-se da potência da *roda de conversa*, o APEES promoveu um encontro de diferentes narrativas orais não ficcionais acerca da invisibilidade das questões enfrentadas pelas populações negras frente à cultura do racismo. Um dos conteúdos mais relevantes foi relativo ao valor dos descendentes de africanos, particularmente para o caso do Estado do Espírito Santo, isto é, quais as contribuições dos negros para o desenvolvimento da região. É preciso salientar que a atividade acabou por trazer para o centro das narrativas dos participantes um viés histórico que permitiu a construção de uma memória coletiva, resultante da soma das contribuições individuais. Isso por sua vez criou, a partir da oralidade, um panorama comum, mesmo que heterogêneo, sobre a questão identitária das vivências pessoais e dos grupos no âmbito da sociedade capixaba.

A roda de conversa se deu junto com uma apresentação de música intitulada “Ambiente Afro-Brasileiro” com canções negras compostas por Cecitônio Coelho, Edson Papo Furado e Betinho Capoeira. Destas atividades que marcaram a exposição fotográfica intitulada “O Negro no Cenário Capixaba”, a roda de conversa pôde ser caracterizada por ser uma atividade complementar. A roda propiciou aos colaboradores um aprofundamento para além da superfície estética das imagens fotografadas, pois foi permitido apresentar narrativas em torno do material em questão, de modo que as histórias por trás do registro puderam também se fazer visíveis ao público.

Apesar da associação da exposição com os artistas, a roda de conversa não se limitou apenas a questão da arte como forma de valorizar os negros, mas também houve participações no sentido de reforçar a narrativa oral da história dos descendentes de africanos e as medidas reparatórias em relação à exclusão mantida por séculos. A

narrativa de história da vida coletiva não está dissociada de outros temas que apareceram como a questão das cotas para afrodescendentes em concursos públicos na cidade de Vitória e nas universidades.

Este movimento de construção da memória, por meio de um encontro de pessoas que compartilham alguns elementos na sua história de vida, em decorrência de sua etnia, permitiu também desocultar histórias de vítimas de discriminação como um relato histórico dum contexto mais abrangente. Estas falas são preciosas, porque muitas vezes estas vozes são destituídas, ao menos no campo da historiografia formal, de um espaço onde é possível narrar sobre si.

Com base em experiências que compõe as histórias de vida dos componentes da roda de conversa, e também a partir das fotografias, os participantes puderam narrar aquilo que consideram elementos de sua própria cultura. Posto isso, as narrativas orais reais, facilitaram a circulação de ideias através do exercício da competência das pessoas em narrar sobre a sua identidade, considerando o passado, o presente e o futuro, isto é: quem são, de onde vem e para onde vão.

Também no ano de 2012 identificamos mais uma roda de conversa que foi organizada pelo APEES e situamos esta prática como um espaço para o encaminhamento de uma narrativa identitária comum entre os membros de comunidades distintas na ocasião do I Encontro dos Povos e Comunidades Tradicionais do Espírito Santo (I EPCTES). Dentre os povos que participaram do evento figuram os descendentes dos povos ciganos ibéricos Kalon/Calon, muitos destes se mantêm iletrados frequentemente como forma de resistência à cultura *gadjo* (cultura dos não-ciganos). Neste contexto analisamos que este tipo de prática de mediação pelo eixo da democracia cultural é particularmente relevante para o povo Kalom/Calon, pois reforça a identidade cigana por seu caráter indissociável da *tradição oral*.

A prática de roda de conversa configura-se como atividade preponderante, pois o APEES deveria, dado os princípios de isonomia dos cidadãos das teses dos estados democráticos de direito, fornecer

acesso ao patrimônio documental deste povo, assim como de qualquer outro grupo de cidadãos, sem fazer discriminações culturais. Ocorre que as únicas representações nos arquivos permanentes do APEES sobre o povo Rom/Calon estão fixadas nos documentos policiais onde figura a ideia de que os ciganos eram marginais e perigosos. Ora, os registros da polícia são decorrentes de práticas de repressão e perseguição, o que envolve o fichamento para controlar, vigiar e punir. Este fato reforça o imaginário que estereotipa o povo cigano negativamente.

Tendo em vista que o povo Rom/Calon é marginalizado e não se trata de um povo de marginais, a roda de conversa pode ser considerada uma prática inclusiva. Cabe destacar que a roda de conversa foi alimentada com base em narrativas orais dos participantes de modo que a circulação de ideias extrapolou os limites representados nas estruturas fixas dos documentos arquivísticos. Isto viabilizou enriquecedoras perspectivas sobre os fatos ou objetos das narrativas convergindo para a memória dos povos ciganos.

No ano de 2013 por ocasião da efeméride de Sara Kali/ Dia Nacional do Cigano, o APEES retomou o marco do I EPCTES com registros fotográficos do evento, que foram expostos durante a efeméride. Assim a exposição viabilizou a apropriação do público tanto pela data convidativa, que marca a identidade Rom/Calon, quanto pela linguagem visual. As fotos produzidas pelo APEES também circularam em diversas páginas da Internet, inclusive em sites com grande acesso como UOL (Universo Online S.A.) e também na imprensa local. Esta outra roda de conversa, deu continuidade a narrativa que colocava os ciganos como protagonistas de sua própria história depois de reconhecerem uma identidade comum, e isso culminou no empoderamento destas pessoas, que criaram o embrião da primeira associação de ciganos do Estado do Espírito Santo.

Assim é possível afirmar que mesmo que os ciganos possuam uma tradição oral e sejam, como já dito antes, em grande número,

rejeitadores da cultura escrita, inclusive daquela mantida sob a guarda do APEES, a Gestão Lazzaro (1995-2015) conseguiu perpassar este óbice, realizando na sua sede atividades que exploraram outras linguagens além da escrita notadamente: duas rodas de conversa e uma exposição.

No ano de 2014, dentre as práticas de mediação cultural do APEES destacou-se aquela intitulada “Educações Ambientais em Narrativas” que apresentou fotografias decorrentes e fomentou uma roda de conversa a partir da pesquisa do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudo em Educação Ambiental (Nipeea) da Universidade Federal do Estado do Espírito Santo (UFES), com o objetivo de revelar práticas culturais das comunidades associadas aos quilombolas, ao congo, as regiões de manguezais e os terreiros de umbanda.

O registro da cultura regional incluiu as vivências organizadas e estabelecidas pelas populações em torno de sua relação com o meio ambiente. As fotografias exibidas e os temas que surgiram na roda de conversa não eram propriamente pertencentes ao acervo do APEES. Isso é relevante, pois uma vez que consideramos que nem tudo o que diz respeito à função cultural do Arquivo está representado nos fundos custodiados, logo seria reducionismo limitar o trabalho de mediação cultural aos documentos recolhidos ao APEES. Assim, a execução das práticas de narrativas orais no escopo da programação institucional do Arquivo, não implica que as mesmas fossem limitadas aos conteúdos inscritos na estrutura formal dos documentos do acervo.

Portanto, as narrativas orais que surgiram na roda de conversa durante a inauguração da exposição, foram pertinentes aos temas transversais que perpassam a documentação, isto é, em termos documentais, os negros estão comumente associados à questão da escravidão. Entretanto, durante as narrativas foi possível obter uma cooperação de caráter complementar entre o objeto material (documentos produzidos a partir e sobre populações negras quilombolas) e a oralidade imaterial (que estão para além dos

documentos oficiais).

Diante disto, a prática intitulada “Educações Ambientais em Narrativas” pode ser associada às narrativas orais, que foram conformadas através de rodas de conversa. Isso permitiu a interação entre os expositores e os participantes, por via da oralidade sobre as próprias atividades registradas na documentação fotográfica, de modo que o público se beneficiou de mais um recurso utilizado: a linguagem verbal. Um dos produtos culturais decorrentes da exploração da linguagem visual e verbal é a reportagem para TV do setor de Comunicação da Assembleia Legislativa do Espírito Santo Programa “Momento Cultural” com o tema “Educadores Ambientais em narrativas” (Figura 1):

Figura 1 – Entrevista dada sobre “Educações Ambientais em Narrativas”.



Fonte: Aldabalde (2015).

No caso do envolvimento do público infantil com as máscaras de congo e na oportunidade de desenvolver práticas atrativas a este público, o APEES poderia ter explorado a criatividade a partir das atividades com narrativas orais. Dentre os tipos de atividades culturais nos arquivos públicos, sublinhamos o *role-playing game* (RPG), que se

trata de um jogo de narrativa criativa, de interpretação baseado na criação ou simulação de personagens por jogadores e dirigida a partir de um condutor/mediador.

Neste segmento há diversos casos de sucesso, dentre os quais destacamos o exemplo do jogo RPG no Arquivo Nacional da Espanha que trabalhou através da narrativa o tema da bruxaria no século XVI e XVII em Andorra (ALBERCH I FUGUERAS et al., 2001). Ora, uma parte significativa das referências para sustentar o enredo pôde ter como base os documentos arquivísticos a serem utilizados no desenrolar da narrativa mestra e suas variações possíveis condicionadas às decisões das personagens dos jogadores. Pensamos que o APEES também poderia fazer uso de seus documentos como parte de uma narrativa oral criativa e orientada para o entretenimento. Assim o caso espanhol ilustra como é possível realizar a reconstrução contextual de um determinado evento histórico tendo como possibilidade subsidiar todo o universo criativo que serve de desfrute cultural aos jogadores dentro da narrativa dramatizada (ALBERCH I FUGUERAS et al., 2001). No caso do APEES os personagens históricos vinculados à tradição do congo poderiam ser explorados nesta lógica ou poderíamos considerar as máscaras do congo e suas possibilidades de interpretação.

Outro exemplo que pode ser aplicado a este caso é o jogo no formato conhecido pela designação “detetive”, a partir do qual se utilizam de um caso público contido no acervo, como fundamento de investigação pelos participantes, tendo como pano de fundo, o próprio espaço institucional, onde réplicas de documentos seriam instrumentos concretos. Este jogo, se mediado, contribui na formação do pensamento investigativo e, colocando os participantes em contato com o patrimônio documental, os ajuda a reconhecer fontes primárias como parte essencial de um processo investigativo que, no caso dos jogos, estaria sendo simulado. Isso permite comparar as verdades produzidas pela história, justiça, senso comum e outros campos investigativos em que o arquivo é essencial para que atinjam suas finalidades (ALBERCH I

FUGUERAS et al., 2001).

No ano de 2016 apontamos a prática de mediação cultural intitulada “Vitória no túnel do tempo” que se estabeleceu a narrativa oral tanto a partir quanto sobre o documento fotográfico. A prática ocorreu no contexto da interação entre o APEES, uma egressa do referido curso, o ex-gestor do APEES Fernando Achiamé e o Centro de Convivência da Terceira Idade (CCTI), alunos e uma discente da UFES, no escopo da disciplina de Ação Cultural do curso de Arquivologia.

O ex-gestor do Arquivo Fernando Achiamé mediou à exposição evocando o sentido da narrativa história para reconstituir um fio condutor para os tempos-espacos fixados nas fotos. Assim, Achiamé contextualizou as imagens a partir de acontecimentos inscritos no plano da oralidade sobre a memória.

Cabe pontuar que, apesar da diversidade, houve aspectos convergentes na narrativa dos participantes da terceira idade, sobre, e, a partir da documentação fotográfica: as narrativas dos idosos possuem em comum a ideia de tempo transcorrido ou percepção retroativa que evoca as memórias, as impressões, os dados como as datações, os sentimentos e as lembranças do passado.

As narrativas orais, neste caso, estão associadas ao desenvolvimento da competência narrativa. Tendo em vista que o CCTI situa-se no entorno do APEES, é preciso ter em vista que as narrativas orais também servem como um meio de desenvolvimento destes cidadãos seniores. O fato de o público compartilhar a vizinhança com o APEES pode vir significar que os cidadãos passem a frequentar o Arquivo e fazer com que seja continuada esta prática, fortalecendo a interação pela oralidade e valorizando as narrativas e suas riquezas dentre as quais podemos destacar: linguísticas, sociais e econômicas.

Isto posto, cabe salientar que o desenvolvimento da competência narrativa pode ser feito a partir, e, sobre o documento, no contexto de práticas de mediação cultural a fim de que a aproximação do público com o patrimônio documental seja encaminhada para o sentido de

despertar nos sujeitos a capacidade de construção de narrativas na medida em que tomam contato com seus universos/memórias.

Considerando que as narrativas orais podem ser cada vez mais elaboradas, seja por intermédio de elementos imagéticos, seja nas relações que estabelece com os demais indivíduos, seja no uso de recursos concretos como os documentos arquivísticos, logo a competência narrativa pode ser desenvolvida num determinado lugar institucional dentro do próprio Arquivo Público a fim de construir uma história coerente.

Na roda de conversa que ocorreu na ação “Vitória no túnel do tempo”, as atividades do locutor e do interlocutor se encontram relacionadas mutuamente numa interação verbal que construíam a memória coletiva sobre um espaço cidadão. Neste contexto, as fotos da cidade de Vitória serviram como ativadores da memória individual que era, principalmente entre os participantes dos idosos, conversada em direção a uma visão consensual sobre o que previamente existia. Cabe destacar que todo o material utilizado pelos participantes e colaboradores foi previamente selecionado pelos discentes do curso de bacharelado em Arquivologia. Isso incluiu por sua vez os retratos de cenas do passado da capital capixaba que consignaram um determinado tempo-espço.

Observou-se também a exploração do valor emotivo dos documentos de arquivo e isso é pertinente, pois um dos aspectos relevantes no desenvolvimento das narrativas através da provocação por imagens do passado é a emotividade. Desse jeito não foi mero acaso que ao decorrer da interação com a exposição via conversa, foram ditos e ouvidos depoimentos notavelmente emocionados dos participantes.

Uma das integrantes do CCTI concedeu o depoimento íntimo sobre aquilo que as fotografias causaram. Segundo ela, os documentos lhe proporcionaram uma experiência singular de trazer à cena alguns momentos importantes do seu próprio passado associado com a imagem. A organização da narrativa que a participante constrói sobre si

foi organizada e explicitada em função da oralidade de modo que segundo ela as lembranças ativadas referem-se principalmente ao marco pessoal de sua mudança para a cidade de Vitória durante a década de 1970: “Lembrei-me do Parque Moscoso, dos bichos que tinham lá e de quando eu levava as crianças para brincarem. As imagens também me recordaram os piqueniques que eu fazia na Gruta da Onça” (ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, 2016).

É possível aferir, portanto, que os arquivos fotográficos despertaram memórias individuais sobre um espaço coletivo nos participantes da atividade “Vitória no Túnel do Tempo”. Levando em conta a narrativa histórica de Cruz Fraga encontram-se os elementos de uma descrição sobre os acontecimentos por meio da organização oral do tempo e do espaço do interlocutor sobre o documento, pois o conteúdo que provoca a memória é o arquivo (ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, 2016). Ora, isto posto, os documentos de arquivo podem servir como base para despertar narrativas de acontecimentos pretéritos e até revitalizar fatos do tempo passado ao menos em termos mnemônicos. Assim, a narração da senhora encontra-se desenvolvida a partir de conexões entre o documento e sua memória, permitindo uma análise retrospectiva fundamentada no conhecimento particular do mundo, assim como do seu ponto de vista (BATORÉU, 1998).

Cabe frisar que em Minas Gerais ocorreu no Arquivo Público uma atividade próxima com aquela que foi desenvolvida na parceria UFES-APEES. No caso mineiro registra-se a participação de um cidadão de terceira idade, ex-funcionário da prefeitura de Belo Horizonte no auxílio à descrição de fotografias do Arquivo, isto é, uma atividade técnica, através de informações que surgiram no âmbito de sua narrativa sobre a história. A inserção do público da terceira idade no caso mineiro consistiu na narração de acontecimentos a partir das referências fotográficas para fins técnicos, por exemplo, que por sua vez beneficiam as atividades técnicas de recuperar o contexto de produção do

documento e também o próprio envolvido que passa a ser capaz de construir sua narrativa (SILVA, 2008). Isso converge com Anne-Marie Lacombe, Anne Klein e Yvon Lemay (2014) que apontam que os arquivos se estabelecem como lugares a partir dos quais as narrativas são construídas.

Dentre os *outputs* do processo destacou-se um produto cultural: um trabalho audiovisual foi produzido pelos bacharelados do curso de Arquivologia de modo que foi possível estabelecer diferenças, modificações e intervenções nos locais a partir do marco dos arquivos fotográficos.

Por fim considerando tudo aquilo que foi colocado sobre a experiência com o dito “Túnel do Tempo”, asseveramos que as fotografias constituíram uma ferramenta importante na ativação da memória dos narradores. Este ato de lembrar é também um trabalho intelectual, dando voz mesmo aos iletrados, que como um historiador, remete o narrador a um mundo muito particular do passado, podendo, em alguma medida, convergir com os universos pessoais dos narradores. Sendo assim, o APEES serviu de espaço cultural que deu os contornos para as narrativas sobre e a partir dos documentos de arquivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível identificar, dentre as práticas de mediação cultural, aquelas com a presença das narrativas orais. Numa perspectiva diacrônica avaliamos que, em comparação com outras práticas, houve uma tímida expressão deste tipo. Além disso, contatamos que o APEES poderia ter explorado a criatividade. Também elencamos no rol das possibilidades do APEES, o trabalho com a contação de história/*storytelling* e outras narrativas fictícias sobre, e a partir dos documentos como os jogos no formato detetive e RPG.

Tendo em vista os beneficiados pelas práticas do APEES, concluímos que os cidadãos puderam tomar contato, em alguma medida, com os patrimônios associados ao espaço do Arquivo, por via das rodas

de conversa que se configuraram como narrativas orais reais. Cabe destacar que a documentação como patrimônio documental foi complementada, pelo menos para os participantes das práticas, pela narrativa oral que enriqueceu as perspectivas sobre o espaço público da instituição arquivística através de múltiplos aspectos imbricados com a oralidade, dentre os quais destacamos: linguísticos, históricos, artísticos e culturais. Destes encontros entre o público, o arquivo e a narrativa oral, os participantes puderam contribuir com informações que complementaram os acervos ou aos temas das práticas de mediação cultural desenvolvidas no APEES. Além disso, os fundos de arquivo, como bens públicos, alcançaram também aqueles que não dominam a leitura como os ciganos, e para tanto, a Gestão Lazzaro (1995-2015) levou em consideração as rodas de conversa com toda a potência daquilo que podem representar numa atividade de mediação, ou seja, não se desprezou o recurso das narrativas orais permitindo a manifestação dos elementos de linguagem pertinentes à própria oralidade tais como: gestos, idiomas, entonações, expressões, diversidade do vocabulário, impostura da voz, cadência, tom e timbre.

As rodas de conversa significaram um alargamento do espaço para circulação e isso é relevante para a democratização dos arquivos e das ideias associadas, pois quando as ideias circulam no contexto democrático, elas se tornam menos confiscadas pelos aparelhos que detém os meios da produção da formação de ideais, como a grande mídia, as universidades e as imprensas oficiais. A própria ocorrência da roda de conversa no espaço do arquivo já significa, em alguma medida, um intento de combate às diferenças socialmente hierarquizadas que se cristalizam por meio de práticas ainda consideradas não populares e reservadas ao público acadêmico, que vão da leitura oral até aquela feita em silêncio.

Por fim, constata-se que as narrativas emergiram como produtos indissociáveis da identidade dos respectivos sujeitos, e se constituíram de uma forma de representação de histórias de vida, ao mesmo tempo

em que se serviram como uma forma de perpetuação do patrimônio imaterial, em particular, daquele constituído no plano da oralidade com a função de transmitir o saber-fazer. Dado que muitos dos participantes eram iletrados e não escreviam e nem liam, a oralidade foi a principal via de comunicação entre eles. O exemplo mais expressivo do uso democrático disso foi a culminância da reunião das narrativas dos ciganos em torno de uma memória oral comum que viabilizou a união do povo em torno na criação de uma identidade para a primeira associação cigana do estado.

REFERÊNCIAS

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. Clipping da atividade “Vitória no Túnel do Tempo. Entrevista com Cruz Fraga, 2016.

ALDABALDE, Taiguara Villela. *Mediação cultural em instituições arquivísticas: o caso do arquivo público do estado do Espírito Santo*. 2015. 221 f., il. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

ALBERCH I FUGUERAS, R. et al. *Archivos y cultura: manual de dinamización*. Gijón: Ediciones Trea, 2001.

AUMONT, Jacques. *A estética do filme*. 6.ed. São Paulo: Papyrus, 1995. 304 p.

BATORÉO, Hanna. Aquisição da competência narrativa em português europeu com especial relevo para a expressão do espaço. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*. v.2 n.1. Juiz de Fora, UFJF. 1998. p.31-43

BELLOTTO, H. L. O sentido dos arquivos. In: CICLO DE PALESTRAS DA DIRETORIA DE ARQUIVOS INSTITUCIONAIS, I., 2014, Belo Horizonte. Anais eletrônicos... Belo Horizonte: DIARQ, 2014. Disponível em: <

https://www.ufmg.br/diarq/anexos/wfd_14012774465385cc06bbb48--fala_bellotto.pdf >. Acesso em: 11 maio 2015.

BELLOTTO, H. L. O sentido dos arquivos. In: CICLO DE PALESTRAS DA DIRETORIA DE ARQUIVOS INSTITUCIONAIS, 1., 2014, Belo Horizonte. Anais eletrônicos... Belo Horizonte: DIARQ, 2014. Disponível em: <
https://www.ufmg.br/diarq/anexos/wfd_14012774465385cc06bbb48--fala_bellotto.pdf >. Acesso em: 25 agosto 2017.

ECO, Umberto. *Sulla Letteratura*. Bompiani, 2002.

GERLIN, Meri Nadia Marques. No balanço das redes dos contadores de histórias: competência narrativa e competência em informação no século XXI. 2015. 325 f., il. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

LACOMBE, A.; KLEIN, A.; LEMAY, Y. Archives et création: perspectives archivistiques. In: ANNUAL CONFERENCE OF THE INTERNATIONAL COUNCIL ON ARCHIVES, 2., 2014, Girona. Proceedings... Girona: Archives and Cultural Industries Congress, 2014.

LAZZARO, A., COUTINHO, G. e FRANCISCHETTO. C. *Lembranças Camponesas: a tradição oral dos descendentes de italianos em Venda Nova do Imigrante*. Vitória: Editora da Fundação Ceciliano Abel de Almeida, UFES, 1992.

LUBAR, S. Information culture and the archival record. *The American Archivist*, v. 62, p. 10-22, 1999.

PEREIRA, C. *Ciganos: a oralidade como defesa de uma minoria étnica*. Habana: UNESCO, 1992. p. 34-39.

ROBERGE, M. La création des Archives de folklore et leur rapport avec la culture. In: CONGRÈS ANNUUEL ARCHIVES ET CULTURE: LA REENCONTRE, 37., 2008, Québec. Procédures... Québec: Association des Archivistes du Québec, 2008.

SILVA, P. S. S. Políticas culturais e arquivos públicos: difusão cultural, acesso e preservação do patrimônio cultural em Minas Gerais – 1995-2005. 2008. 197f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2008.

SOBRE OS AUTORES

Adriana Alcará – Professora do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), onde atua nos cursos de graduação em Arquivologia e Biblioteconomia e no programa de pós-graduação *stricto sensu* em Ciência da Informação (PPGCI/UEL). Possui doutorado em Psicologia pela Universidade São Francisco (USF), mestrado em Educação, especialização em Gerência de Unidades de Informação e graduação em Biblioteconomia pela UEL. É pesquisadora e líder do Grupo de Pesquisa Informação e Cognição, cujos projetos estão voltados para o estudo do processo de busca e uso da informação, focando principalmente na formação de habilidades informacionais e na competência em informação.

Alzimar Ramalho – Pós-doutora pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Comunicação pela Universidade de Marília (UNIMAR), especialista em Comunicação Visual em Mídias Interativas pela Universidade do Norte do Paraná e jornalista pela Universidade Estadual de Londrina. Foi docente da Universidade de Brasília, Centro Universitário de Araras e Fundação Educacional do Município de Assis. Atualmente é docente e pesquisadora na interface jornalismo e novas mídias do Centro Universitário IESB de Brasília.

Amanda Xavier – Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Membro e ex-bolsista de iniciação científica do Grupo de Estudos de Narrativas da Terra (GENTE) do Centro de Educação da UFES.

Ana Cláudia Borges Campos – Doutora em Ciência da Informação, Dinter UnB/UFES, mestre em Políticas Sociais, ênfase em Políticas

Públicas, pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro e graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professora do Departamento de Biblioteconomia da Ufes, possuindo experiência em pesquisa em bases bibliográficas nacionais e internacionais; controle, atualização e encaminhamento de normas técnicas; pesquisa bibliográfica; gestão de documentos eletrônicos em drives de rede; administração de Centros de Documentação (impressos e eletrônicos); catalogação, indexação e pesquisa de imagens em movimento.

Benedito Medeiros Neto - Pós-Doutorado da Escola de Comunicação e Arte ECA/USP. Doutor em Ciência da Informação/Inclusão Digital pela Faculdade de Ciência da Informação da UnB. Mestrado em Pesquisa Operacional/Teoria dos Grafos (Estatística e Métodos Quantitativos) pela UnB. Especialista em Engenharia Elétrica/Inteligência Artificial pela UnB. Engenheiro Eletricista/Telecomunicações pela UnB. Vida Profissional: Bolsista Pesquisador do Projeto/MEC/MCTI/CAPES/CNPq/FAPs n. 09/2014. Pesquisador e Professor da FAC/UnB & CIC/IE/UnB. Pesquisador Associado da Escola do Futuro-USP. Participante do Comitê Técnico GT01 ENANCIB. Parecerista da Revista Ibero-America de CI/Faculdade de Ciência da Informação/UnB. Foi Consultor para Inclusão Digital do Ministério das Comunicação e Coordenador de Gestão do Conhecimento e Avaliação do Programa GESAC. Na ECT foi Gerente de Diretoria, Assessor da Vice-Presidência, Assessor/Apoio Técnico (FAT) de Diretoria da Tecnologia e Infra-Estrutura e Analista de Sistema Sênior. Foi Chefe de Seção de Telecomunicações do Sistema Telebras. Foi Professor de Ensino Superior/ESAP/ECT, Professor Universidade Católica de Brasília e Professor do CEUB. Fez parte do Conselho Editorial do Programa GESAC/Ministério das Comunicações. Áreas de atuação e pesquisa: Ciências da Computação, Informação e Comunicação; Ensino de TIC; Sistemas Colaborativos; Informática e Sociedade; Web Semântica;

Inclusão Digital; Cidades Digitais; Competência em Informação, Redes Sociais e Avaliação de Programas de Inclusão Digital e Inovação.

Cláudia Maria de Oliveira – Graduada em História da Arte. Membro da Academia Brasileira de Contadores de Histórias, do Grupo Planeta Contos e do Grupo Filhos de *Griôs*. Proprietária e gestora da Creche e Centro Educacional Reino Encantado, Vila Velha, Espírito Santo (ES).

Daniela Lucas da Silva Lemos – Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em Ciência da Informação pela UFMG, especialista em Gestão Estratégica da Informação pela UFMG e graduada em Administração de Sistemas de Informação pela Faculdade de Sistemas de Informações Gerenciais da Una. Atualmente é professora adjunta e pesquisadora do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo. Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em organização da informação, representação do conhecimento e recuperação de informação, atuando principalmente nos seguintes temas: representação do conhecimento, ontologias, web semântica, linked data e descrição multimídia. Possui experiência na área de tecnologia da informação, com ênfase em bancos de dados, engenharia de software e análise e projeto de sistemas de informação.

David Renault da Silva - Graduado em Jornalismo, mestre em Comunicação e doutor em História, todos na UnB, tem Pós doutorado pela Universidade do Minho, Portugal. Professor do Departamento de Jornalismo FAC/UnB há 25 anos, foi professor responsável pela disciplina que produz o Campus, jornal-laboratório impresso do curso de Jornalismo da UnB, Campus Online, Técnicas de Jornalismo e Campus Repórter, entre outras. Foi coordenador de Ensino e Graduação da Faculdade de Comunicação (FAC), período em que coordenou a elaboração e implantação dos novos currículos das três

habilitações do curso de Comunicação. Professor Associado II, foi Diretor da Faculdade de Comunicação. Leciona atualmente as disciplinas Campus Repórter, Introdução ao Jornalismo, História do Jornalismo e Pré-Projeto em Jornalismo. Participa do programa de Pós-graduação da FAC, na linha de pesquisa Jornalismo e Sociedade e é líder do grupo de pesquisa Jornalismo e Memória na Comunicação.

Eduardo Valadares da Silva - Professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) na Escola de Ciência da Informação; Pesquisador do Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE) da UFMG e Membro da Comissão de Bibliotecas Escolares do CRB 6ª Região. Graduado em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Mestrado em Educação pela UFES e Doutorado (em andamento) em Ciência da Informação pela UFMG. Tem experiência na área de Biblioteconomia, com ênfase em Biblioteconomia Escolar, atuando principalmente com os seguintes temas: biblioteca escolar, narrativas e educação.

Elane Couto Uliana – Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), professora substituta do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e bibliotecária da Prefeitura Municipal de Vitória (PMV) na Secretaria de Educação de Vitória do Estado do Espírito Santo (ES).

Elijance Marques dos Santos – Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo. Ex-bolsista de iniciação científica do projeto de pesquisa “No balanço das redes dos contadores de histórias: competências em informação do sujeito narrador no século XXI”. Membro Externo do Projeto Informa-Ação e Cultura da Universidade Federal do Espírito Santo.

Elmira Luzia Melo Soares Simeão – Professora Associada e doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB),

com mestrado em Comunicação e Cultura na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Atua na área de editoração, formação de acervos e competência informacional. Exerce a direção da Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da UnB, sendo membro do Conselho de Ensino e Pesquisa da UnB (CEPE), Conselho de Administração (CAD) e Conselho Superior da UnB (CONSUNI). Professora na FCI, na graduação em Biblioteconomia e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília. Parecerista em várias revistas da área de Ciência da Informação. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Publicações Eletrônicas e Editoração, atuando principalmente nos seguintes temas de pesquisa: tecnologia da informação, editoração, comunicação, ciência da informação, informação e saúde, comunicação extensiva, competência em Informação e inclusão digital. Representante da Universidade de Brasília no convênio com a Universidad Complutense de Madrid (UCM), onde mantém contato com pesquisadores nos departamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação e Documentação da UCM. Líder do grupo de Pesquisa Competência Informacional certificado pelo Conselho Nacional de Pesquisa do Ministério de Ciência e Tecnologia (CNPq).

Fabiano de Oliveira Moraes – Professor Adjunto da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), atuando no Departamento de Linguagens, Cultura e Educação. Doutor em Educação e mestre em Linguística e graduado em Letras-Português pela UFES. Como escritor, publicou livros infantis pelas editoras: Cortez, Paulinas, Universo da Literatura, Universo dos Livros, Mazza, Franco, Nova Alexandria, Imeph e Elementar, dois deles selecionados pelo MEC para o PNBE. Publicou livros técnicos pelas editoras Vozes e Cortez. Participou de mesas redondas, realizou apresentações artísticas como contador de histórias e ministrou oficinas no Brasil e no exterior. Idealizador e Coordenador do Portal Roda de Histórias pelo qual recebeu o Prêmio Culturas Populares

2007, pelo MinC. Participou da Oficina 'Brincando na Diversidade: Cultura na Infância' (MinC), contribuindo com a elaboração de diretrizes e ações do Plano Nacional de Cultura.

Fábio Vieira Pereira – Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em convênio com a Universidade de Vila Velha do Espírito Santo (PUC-SP/UVV-ES), especialista em Recursos Humanos pelo Centro Universitário FAESA (Faculdades Integradas Espírito-Santenses), Educação de Jovens e Adultos pelo Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) e Filosofia e Psicanálise pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Graduado em Administração pela FAESA e Ciências Sociais pela UFES. Membro da Academia Brasileira de Contadores de História, do Grupo Planeta Contos e do Grupo Filhos de *Grios*.

Joyce Del Frari Coutinho - Gestora de Políticas Públicas e Gestão Governamental do Quadro de Carreira do Governo do Distrito Federal, concentra a sua trajetória profissional e especialização acadêmica no campo da comunicação pública e governamental. Graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, possui formação pós-graduação *lato sensu*, na Universidade de Brasília (UnB), em Estratégias de Comunicação, Mobilização e Marketing Social e Estado e Sociedade Civil: Política e Gestão de Organizações Não-Governamentais. Atua na elaboração de planejamentos integrados de comunicação; articulação de estratégias e ferramentas de comunicação; redação e edição de conteúdos jornalísticos e institucionais; e gestão de projetos e equipes. Integra o projeto interdisciplinar de extensão Partilhar, da Faculdade de Comunicação da UnB, que visa desenvolver ações e criar produtos para a autonomia cidadã em rede. Trabalhou por 13 anos no Governo Federal, sendo 11 anos na Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom/PR), como Assessora Especial de

Planejamento e Articulação; um ano na Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM/PR), como Assessora de Imprensa, onde colaborou na concepção e organização do seminário *A Mulher e a Mídia*; e outro ano no Ministério da Educação (MEC), como Chefe da Assessoria de Comunicação Social. Na UnB, atuou por quatro anos, no Centro de Produção Cultural e Educativa (CPCE/FAC). Entre outras funções, na Secretaria de Comunicação Social do DF (Secom/DF), foi Chefe de Gabinete e Chefe de Redação da Agência Brasília.

Ingrid Simões Pereira – Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo e bibliotecária da Prefeitura Municipal de Cariacica (PMC) na Secretaria de Educação de Cariacica do Estado do Espírito Santo (ES).

Iguatemi Santos Rangel – Professor adjunto I da Universidade Federal do Espírito Santo, atuando no Departamento de Linguagens, Cultura e Educação com disciplinas de fundamentos da educação e estágio supervisionado para os cursos de licenciatura. Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), mestrado e doutorado em Educação pela UFES. Atuou como professor da educação básica nas redes estadual e municipal de educação nas áreas de ensino de educação física e educação infantil. Trabalhou como gerente de formação de professores da Secretaria Estadual de Educação do Espírito Santo (ES). Atuou como tutor do Programa de Educação Tutorial (PET) de Licenciaturas. Coordenador do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Currículos, Culturas e Cotidianos (Nupec). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Infantil e processos de formação continuada de professores da educação básica. Os temas de interesses e aprofundamento de estudos e pesquisas são: educação infantil, ensino de educação física escolar, formação continuada de professores e currículo.

Maira Cristina Grigoletto – Professora Adjunta da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) no Departamento de Arquivologia (Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas/CCJE). Doutora e Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (UNESP/Campus de Marília); Licenciada em História pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Atuou como pesquisadora junto ao Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba (IPPLAP) e Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba (CODEPAC). Foi professora de História e História da Arte na rede particular de ensino; pesquisadora e curadora na reestruturação do Museu Histórico e Pedagógico "Prudente de Moraes" (Piracicaba/SP). Possui experiência nas áreas de História, Educação, Ciência da Informação e Arquivologia, atuando principalmente na linha de produção e organização da informação.

Marcela Lopes Mendonça Coelho Amorim – Graduada em Biblioteconomia e Serviço Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), atualmente atuando como bibliotecária da Prefeitura Municipal de Vitória (PMV) na Secretaria de Educação de Vitória do Estado do Espírito Santo (ES).

Marcelo Souza de Jesus - Possui graduação em Administração com Habilitação em Análise de Sistemas pelo Instituto Compacto de Ensino Superior e Pesquisa e Especialização em Gestão de Pessoas, Master of Business Administration - MBA e Inteligência de Futuro de Mestrado em Ciências da Informação pela Universidade de Brasília. Atualmente é pesquisador bolsista da Fiocruz-Brasília e docente do curso de Administração do Centro Universitário IESB. Tem experiência na área de Administração, atuando principalmente nos seguintes temas: ciência da informação, governança, rede e informação. Projetos de pesquisa com foco na aplicação dos métodos de Análise de Redes Complexas e validação de metodologia para obtenção e tratamento

de informações estratégicas na área de Ciência, Tecnologia e Inovação. Apoiador na prospecção de futuro e planejamento institucional. Como pesquisador do Colaboratório de Ciência Tecnologia Sociedade da Fiocruz-Brasília Mapeia dados relacionados à gestão de incorporação de tecnologias em saúde, armazenados no SUS; analisa os dados do Sistema para elaboração de relatórios gerenciais; analisa dados do Sistema para definição e elaboração de indicadores e apresentação de propostas de monitoramento da Sustentabilidade do SUS. Participação no grupo de pesquisa Políticas Públicas em Saúde, do(a) Fundação Oswaldo Cruz e pesquisador no grupo de pesquisa Jornalismo e Memória na Comunicação, do(a) Universidade de Brasília

Márcia Helena da Silva Marques – Especialista em Direitos Humanos pelo Instituto Superior de Educação e Cultura Ulisses Boyd, graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e bibliotecária da Prefeitura Municipal de Cariacica (PMC) na Secretaria de Educação de Cariacica do Estado do Espírito Santo (ES).

Márcia Marques - Professora concursada do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Ciência da Informação e Mestre em Comunicação pela UnB, graduada em jornalismo pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP). Como integrante do GPCI, sou pesquisadora do campo de formação de competências para a informação e a comunicação em rede em ambientes digitais. No ensino, implementei disciplinas que relacionam transdisciplinarmente três campos do conhecimento: a Comunicação, a Informação e a Computação; para a gestão da memória e para o processo de aprendizado em rede. Também integro o grupo de pesquisa Gestão da Memória e Jornalismo, atualmente envolvido em duas investigações: a que orienta o desenvolvimento de tecnologias e soluções para a organização e acervamento da informação e conhecimento no CeDoc da FAC e a que faz o mapeamento dos veículos que produzem jornalismo independente, com objetivo de entender as novas conformações do processo de produção jornalística.

Maria Giovana Soares – Especialista em Gestão da Qualidade pela Universidade Gama Filho do Rio de Janeiro (RJ). Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Bibliotecária da Prefeitura Municipal de Cariacica (PMC) na Secretaria de Educação de Cariacica do Estado do Espírito Santo (ES).

Marta Leandro da Mata – Doutora em Ciência da Informação, Mestre em Ciência da Informação e Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP/Campus de Marília), com período de doutorado sanduíche na Universidade Carlos III de Madrid. É professora Adjunta do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Líder do grupo de pesquisa "Competência em Informação e Processos Inter-relacionados". Tem experiência na área de Ciência da informação e Biblioteconomia, atuando, principalmente com os seguintes temas: competência em informação, fontes de informação, formação e atuação do bibliotecário, preservação em unidades de informação.

Meri Nadia Marques Gerlin – Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em Educação e graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Como professora adjunta do Departamento de Biblioteconomia da UFES lidera o grupo de pesquisa "Competência em Informação e Processos Inter-relacionados" certificado pelo CNPq, tendo coordenado o projeto de pesquisa, recentemente finalizado, "No balanço das redes dos contadores de histórias: competências em informação do sujeito narrador no século XXI". Atualmente coordena as ações dos projetos de pesquisa "Competência leitora numa sociedade conectada por redes de colaboração" e extensionista "Informa-Ação e Cultura". Trabalha com uma diversidade de atividades relacionadas com os campos do ensino, da pesquisa e da extensão universitária,

intercambiando temas no âmbito da ação cultural, competência leitora, competência em informação, competência narrativa, multiculturalismo e serviço de referência e informação.

Mônica Regina Peres - Possui graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Goiás, mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Rondônia e doutora na Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da Universidade de Brasília (UnB) onde também atuou professora substituta no curso de Biblioteconomia. Atualmente é prestador de serviço da Fundação Getúlio Vargas, professora voluntária e bibliotecária da UnB onde atuou como assessora de direção na Biblioteca Central. Tem experiência em gestão de projetos e com Educação Superior, atuando principalmente nos seguintes temas: biblioteconomia, tecnologias na educação, eventos, gestão, educação, educação inclusiva e ciência da informação

Philippe Peterle Modolo – Especialista em Psicopedagogia Institucional e Gestão Escolar pela FAVENI (Faculdade Venda Nova do Imigrante) e pesquisador independente no campo da educação e cultura.

Renato Rocha Souza – Possui graduação em Engenharia Elétrica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina, doutorado em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais e pós-doutorado em Tecnologias Semânticas para Recuperação de Informação - University of Glamorgan, UK, sob supervisão de Douglas Tudhope e com bolsa do CNPQ. É atualmente professor e pesquisador da Escola de Matemática Aplicada (EMAp) da Fundação Getulio Vargas e professor colaborador da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Representação do Conhecimento e Recuperação de Informação, atuando principalmente nos seguintes temas: Sistemas de Recuperação

de Informações, Processamento de Linguagem Natural, Indexação Automática, Representação do Conhecimento, Ontologias, Gestão do Conhecimento. Tem também experiência em Tecnologia na Educação, Software Educativo e Ensino a Distância.

Silvana Soares Sampaio – Professora de Arte, contadora de histórias e escritora. Atua como contadora de histórias em escolas, lançamento de livros, seminários, bibliotecas, cursos de literatura infantil, Feiras Literárias com o objetivo de sensibilizar as pessoas sobre a importância do ato de ler. Foi membro do Comitê PROLER (programa de incentivo à leitura da Biblioteca Nacional) no Espírito Santo e durante este período fez vários cursos que deram maior fundamentação ao seu trabalho. Estudou na Fundação Armando Álvares Penteado–FAAP em São Paulo e possui especialização em Docência do Ensino Superior pela Universidade Candido Mendes. Publicou quatro livros de literatura infantojuvenil: Aventuras de um Vermelho Inquieto, Roda-Vida, Lendas Capixabas em Versos e Vento Sul, assim como contos, crônicas e poemas em antologias, revistas e jornais. Membro da Academia Feminina Espírito-Santense de Letras-AFESL, tendo ocupado a presidência dessa instituição durante o biênio 2012-2014. É também membro do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo-IHGES.

Taiguara Villela Aldabalde – Professor e pesquisador da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) alocado no Departamento de Arquivologia. Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB). Pós-doutor na linha de investigação "Ciências da Informação: Arquivo, Biblioteca e Documentação" na Fundação de Cultura Fernando Pessoa (Universidade Fernando Pessoa).

Tatyane Mendes Ferreira - Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pelo Centro Universitário de Brasília IESB e atualmente é repórter na editoria de sociedade do Portal de Notícias Metrôpoles. Tem

experiência na área de produção de textos jornalísticos para veículos impressos e digitais nas editorias de Política, Nacional, Educação, Economia e Formação Profissional e apuração de dados para pesquisas estatísticas, além de ligação com áreas de estudos sociais e literários. É integrante do projeto de pesquisa científica "Partilhar", trabalhando com a criação de um modelo pedagógico e o desenvolvimento da comunicação para facilitar a transmissão de conhecimentos entre os cidadãos e aumentando a participação cidadã deles. A pesquisa envolve as áreas de comunicação, educação, computação e tecnologias. Possui nível intermediário em espanhol e fluência em inglês.